

Caros colegas e amigos,

O CIG, na ocasião de sua reunião de 1 e 2 de julho, decidiu o tema da Jornada de Escola, que acontecerá durante nosso VI Encontro Internacional de Escola, quinta-feira, 13 de setembro de 2018, em Barcelona.

Trata-se de **A Escola e os discursos**.

Eis o primeiro desdobramento do tema, por Marc Strauss.

Vamos decidir a forma e a organização desta jornada durante nossa reunião do CIG, que ocorrerá em 24 e 27 de novembro, em Toulouse.

Anne Lopez e Marcelo Mazzuca
pelo CIG

A Escola e os discursos

Marc Strauss
(02/09/2017)

“... Há para vocês – deveriam querer isso – outra forma de passar sua revolta de privilegiado: a minha, por exemplo. Lamento apenas que tão poucas pessoas que me interessam se interessem por aquilo que me interessa”. (J. Lacan, *Ornicar 49*, p. 7)

A fundação, por Lacan, de sua Escola de psicanálise se inscreve numa história dos discursos. É esta última que lhe confere o seu lugar no espaço social, e lhe atribui suas tarefas.

Sem dúvida, a fundação, por Lacan, de sua Escola é, de fato, anterior à sua escrita dos matemas dos discursos; ela não o é, porém, em seu esforço de prestar contas da experiência analítica por meio de um discurso inédito até Freud. Sua aparição respondeu a uma realidade ela mesma inédita, uma forma do sintoma tornada intratável. Com efeito, o sintoma não data de Freud, ele é correlativo da própria existência da fala. Foi ainda preciso poder reconhecê-lo como tal para daí poder esclarecer, retrospectivamente, seus avatares históricos.

Assim, o discurso do mestre e o da histórica são solidários em seu embate. A ordem significante impõe essa divisão, que responde a um corte sem remédio entre o representante e o representado. Consequentemente, o discurso do mestre, que repousa no consentimento ao Um que se excetua, nunca vai sem a parte de sombra do sujeito, com que se adorna a histórica para completá-lo.

Esses dois foram suficientes por um tempo para ordenar o mundo, mas, diante da decomposição do império do Um, o mestre, para continuar a falar em nome de todos, teve que se refugiar atrás do saber.

O discurso universitário é, portanto, uma “regressão” aos olhos do esforço de verdade ao qual a histórica faz apelo. O sujeito aí se encontra cortado da verdade, num sofrimento tornado inarticulável, e, portanto, inaudível. Assim, deslegitimada, ela se tornou mais gritante à medida que a ciência, que se tornou a do cálculo contável, apagava os interlocutores possíveis, sacerdote e médico.

Foi então que um novo interlocutor nasceu para o sujeito, o psicanalista, obviamente. Padecendo como a histórica das violências do novo mestre, ele soube ouvir e restituir-lhe a razão.

O projeto de Freud foi o de tornar as novas violências da civilização mais suportáveis, até mesmo atenuá-las. Podemos dizer que ele conseguiu mudar o olhar de sua época sobre o gênero humano, suas motivações e suas realizações, suscitando, assim, expectativas talvez desmedidas. Hoje, o discurso do mercado triunfante desfaz ainda mais os laços tradicionais.

Em reação a isso, Lacan nunca promoveu, em nome de Freud, um ideal do coletivo; pelo contrário, ele insistiu sobre o laço do um por um, mas, contudo, fundou a Escola. Um coletivo, portanto, que ele queria que fosse inédito, na medida da novidade do discurso analítico, integrando suas aquisições em seu funcionamento, até a seleção e a garantia dos analistas.

Essa preocupação com a coerência visava não somente seu funcionamento interno, mas também a função que ele atribuía à psicanálise: uma operação contra o mal-estar na civilização, da qual a Escola devia ser a base. Que seja de defender e preservar seu campo, ou de conquistar um campo vasto, que se limite à perpetuação da experiência ou que queira pesar sobre as escolhas da cidade, é preciso, porém, que ela possa se fazer ouvir como recurso.

Ora, o mal-estar contemporâneo é nosso conhecido: “a sede da falta-de-gozar”. Com efeito, a originalidade do discurso capitalista, saudado por Lacan como uma performance, é de propor, ele mesmo, seu próprio tratamento, numa corrida sem fim. Quer saibam ou não, os sujeitos que ele determina estão aí presos. Como, então, o discurso analítico pode lhes fazer sinal [*faire signe*] de uma solução outra? Por que querer renunciar à sede da falta-de-gozar e seus tormentos inebriantes, e em nome de quê?

Está claro que hoje estamos num momento particular da psicanálise, e nos faltam modelos para responder a isso. Depois de ter suscitado uma credulidade quase beata junto aos formadores de opinião, ela é de novo objeto de uma forte desconfiança, até mesmo de uma rejeição, por charlatanismo. Aos olhos dos métodos baseados na química das interações moleculares e das estatísticas, o neurocomportamentalismo disputa com ela seu lugar no mercado.

O apelo à intervenção do psicanalista padece, obviamente, desta desvalorização.

Donde algumas questões:

- O que, em nosso funcionamento de Escola, procede, com pertinência, de cada um dos discursos?
- Como, na Escola, controlamos nossos processos de seleção e de garantia, como os situamos na ordem dos discursos, estando entendido que nenhum deles vai sem os outros três com os quais ele fecha o círculo ordenado do desejo?
- Como aí intervém o quinto discurso, do capital, que desfaz esse círculo para se impor sozinho?
- Como a psicanálise pode oferecer tratar os impasses do sujeito se o discurso contemporâneo se sustenta por não admitir nenhum?
- Entre recuo monástico, com sua ameaça de fragmentação, e impostura fadada à retaliação coletiva, quais estratégias adotar para conservar a reconquista do campo freudiano e lacaniano?

Tradução: Cícero Oliveira
Revisão: Sandra Berta